

A utilização do teatro na educação: desafios e aplicabilidades

Eduardo Ndala, Lic.
Instituto Superior de Ciências da Educação de Benguela
ndalaeduardo@gmail.com

100

Resumo

O presente artigo de revisão configura-se numa contribuição teórica para o enriquecimento do estudo do teatro como ferramenta de ensino, bem como os seus principais desafios e os procedimentos para a sua aplicabilidade. Esse trabalho visa também apresentar uma série de propostas metodológicas, que podem facilitar e direcionar a aplicação prática do teatro na Educação. Para tal, em termos metodológicos optou-se por uma abordagem qualitativa, e quanto à natureza da pesquisa, ela é básica. Relativamente aos métodos, recorreu-se à utilização de métodos teóricos como: a pesquisa bibliográfica, histórico-lógico, análise-síntese. Quanto aos resultados, podemos perceber, que a utilização do teatro na educação, é muito mais antiga do que se possa imaginar, remontando desde a Grécia Antiga, porém os procedimentos e modalidades para a sua aplicação na educação diferem de acordo aos objetivos.

Palavras-chave: teatro; educação; aplicação;

Abstract

This review article is a theoretical contribution to the enrichment of the study of theater as a teaching tool, as well as its main challenges and the procedures for its applicability. This paper also aims to present a series of methodological proposals, which can facilitate and guide practical application of theater in education. For this purpose, the methodology chosen was a qualitative approach and as for the nature of the research, it is basic. Regarding the methods, theoretical ones such as: bibliographical, historical-logical, synthesis-analysis research, were used. As for the results, we can conclude that the use of theater in education is much older than we can imagine, dating back to ancient Greece, however, the procedures and modalities in education is different, according to goals.

Keywords: theater; education; application.

I. INTRODUÇÃO

Actualmente, percebe-se e até sem muito esforço, que uma das maiores adversidades enfrentadas pelas escolas públicas e particulares é a incessante falta de motivação e interesse dos alunos em relação às aulas. Os alunos vivem em um mundo de profundas transformações nos diversos âmbitos: sociais, económicas, políticas e especialmente tecnológicas, e ao adentrarem na sala de aulas sedentos por expectativas que essa realidade seja problematizada, encontram na escola um

ambiente que inibe sua vontade de aprender pela forma tradicional extremamente metódica e disciplinada que se construiu ao longo dos tempos.

Em função da rápida evolução das sociedades e os actuais desafios que nos são apresentados dentro do processo de ensino-aprendizagem, somos tentados a procurar por ferramentas mais atractivas, estimulantes, reflexivas e participativas para o alcance das metas que a educação pretende atingir, e numa imensidão de ferramentas de ensino de que dispõe a educação, somos a propor o teatro como uma ferramenta a ter em conta no processo educativo, pois, visto por uma perspectiva educacional, ele faz a junção da imaginação e da prática, desenvolvendo assim o potencial dos alunos e concomitante contribui para a formação de um sujeito crítico, diferentemente do aluno apenas receptor.

O uso adequado do teatro como ferramenta educativa proporciona o desenvolvimento da criatividade, da interdisciplinaridade, do espírito de pesquisa e como os trabalhos são quase sempre feitos em grupos, ajuda também a melhorar as relações sociais. Cavasin (2008) considera que o teatro quando aplicado à educação, visa mobilizar as capacidades criadoras e aprimorar a relação vital entre os educandos e o mundo.

O presente estudo configura-se num artigo de revisão bibliográfica, cujo foco é apresentar bases teóricas que defendem a utilização do teatro na educação, fundamentando os principais desafios enfrentados, assim como as diferentes visões quanto a sua forma de aplicabilidade. Esse trabalho, para além de ser uma resposta ao reduzido número de estudos nesta área, é também justificado pela necessidade gritante de se encontrar ferramentas educativas alternativas às que se tem usado, não só por causa das rápidas transformações a que temos assistido, mas também para fazer frente às novas responsabilidades que são atribuídas à Escola.

Uma outra motivação é o facto do teatro ser visto desde os primórdios da humanidade, como uma ferramenta educativa descontraída que tem o cuidado de juntar diversão e aprendizagem num mesmo momento. Essa ferramenta tem a proeza de desenvolver em simultâneo a capacidade crítica, reflexiva e de expressão tanto oral como físicas, habilidades mais do que necessárias para a formação do Homem que se pretende. É em função dessas e outras propriedades do teatro, que pensa-se que seria uma mais-valia a sua aplicação prática na educação.

2. A evolução do Teatro no contexto histórico universal

Desde o início dos tempos o Homem sempre procurou exteriorizar os seus sentimentos, dessa necessidade nascem os actos lúdicos, como as gesticulações rítmicas de que resulta a dança. As primeiras formas teatrais que a Humanidade conheceu foram os movimentos que o homem primitivo realizava para imitar os animais, ou passar despercebido perante estes, tal como atestam as pinturas datadas do Paleolítico. Mais tarde esses movimentos deram lugar à praticas mais organizadas que eram realizadas nas cerimónias rituais dedicadas as Divindades, como foi o caso do Egipto e depois da Grécia.

Segundo Hauer (2005), o teatro, mais próximo da versão que temos hoje, é de origem grega e nasceu no século V a.C., como culto ao Deus Dionísio, que a princípio era cantado e posteriormente passou a ser declamado numa linguagem poética. Desempenhava também para os gregos, uma função didática e religiosa. Miranda et al (2009), defendem que a primeira ideia que se teve sobre teatro é a de que era um edifício constituído por um palco, lugar destinado a apresentação das mais destinadas peças e para uma plateia. Posteriormente, o teatro também passou a corresponder à arte de interpretação.

Na Idade Média, o teatro foi largamente utilizado pela Igreja Católica para tratar sobre os vários temas bíblicos. Já entre os séculos XV e XVII, durante o tempo da Expansão Europeia, o teatro adquire uma função mais pedagógica, pois passou a ser utilizado pelas Missões jesuítas como método para catequizar os Índios bem como outros povos. Vale lembrar que boa parte desse período corresponde à fase da Reforma Protestante e crise do Catolicismo na Europa, e a Igreja Católica precisava reerguer-se depois de várias ondas de dissidências.

Com o Renascimento, as representações teatrais passaram a fazer-se em salas próprias, com cenários pintados e decorações móveis, os actores adquiriram maior naturalidade e realismo. Nessa época, segundo Hansted e Gohn (2015), houve a redescoberta das obras clássicas, o que levou ao estudo do teatro antigo, aumentando assim as encenações escolares. A partir do século XIX, o teatro passa a ser um deleite para a elite e do século XX em diante passou a ser massificado e influenciado pelas novas tecnologias.

2.1 As potencialidades do teatro na educação

Pelo facto de o teatro estar intrinsecamente vinculado à Humanidade, não é de

se espantar que o seu potencial educativo tenha sido explorado desde a Antiguidade. Segundo Courtney (1980), o grego Aristóteles em sua obra *A Poética* afirmava que a imitação era natural ao Homem e que este aprendia por intermédio dela. O autor acrescenta ainda, que também o romano Horácio, em sua obra *Arte Poética* considerava que o teatro devia tanto entreter como educar.

Durante a idade Média a Igreja Católica explorou o carácter educativo do teatro, com o objectivo de aproximar o povo iletrado das histórias e ensinamentos eclesiásticos. Em uma época em que o acesso às obras literárias era restrito aos líderes religiosos, o teatro desempenhou um papel relevante na educação do povo, como atesta Courtney (1980: pág.9): “Escolas e livros, a bem da verdade, eram privilégios de poucos. Foi o teatro que propiciou às massas a sua educação”.

2.2. O Teatro protestante

Durante o Renascimento destaca-se também o teatro escolar protestante, muito difundido em países como Alemanha, Inglaterra, Suíça e Suécia, onde o Protestantismo era amplamente apoiado. Este teatro visava a prática da língua latina e a transmissão de comportamentos entendidos como socialmente adequados. Este teatro não era restrito à salas de aula ou pátios escolares, era também apresentado em auditórios, conferências de universidades, prefeituras, e espaços públicos. Buscava exercer seu efeito não pelo visual, uma vez que o palco costumava ser um simples cenário, mas pela palavra, uma declamação alta e audível, que no princípio era em latim, mas que depois passou a ser feita na língua nacional de cada país.

2.3. Os Jesuítas e a aplicação do teatro na Educação

Ainda que se não possa atribuir à pedagogia jesuítica a introdução do teatro no espaço escolar como recurso didáctico, pois como foi exposto a relação teatro-educação remonta desde o período da Antiguidade, esta desempenhou um importante papel na expansão desta prática como recurso didáctico, como refere O'Malley (2004, p.348): “(...) os jesuítas não inventaram o teatro na escola, mas cultivaram num nível especificamente alto por um longo período de tempo, numa vasta rede de colégios quase ao redor do mundo (...)”. Como se pode ver, apesar de já ser prática a utilização do teatro na educação, foi nos colégios jesuítas que o mesmo alcançou grandes proporções, como recurso para o processo de ensino e aprendizagem.

2.4. Relação Teatro-Educação entre os séculos XVIII-XX

Foi a partir do século XVIII, que a relação Teatro-Educação passou a ser alvo de estudos mais interessantes, com a entrada em cena de Jean-Jacques Rousseau que colocou a criança no centro do processo educativo, defendendo o jogo como elemento fundamental na educação infantil. Segundo (Courtney, 1980, p.18) “Para Rousseau, a educação da criança devia ser quase que inteiramente através do jogo”. Rousseau apesar de não apoiar especificamente a utilização do teatro na educação, defendia uma educação pedocêntrica, e fundamentada no jogo que viria servir de inspiração para os jogos dramáticos e jogos teatrais, como procedimentos efectivos de aprendizagem.

Apoiando-se nas ideias de Rousseau surgiu o movimento da Educação Activa ou Escola Nova liderado pelo norte-americano John Dewey, que no dizer de Hansted e Gonh (2013), foi um movimento progressista que revolucionou as formas tradicionais de ensino, ao colocar a criança no centro do processo educativo, defendendo o respeito ao desenvolvimento natural. Emerge uma nova forma de pensar o teatro em ambientes escolares, alinhando-se ao movimento recém-criado. Assim, se na concepção tradicional de ensino o teatro na escola resumia-se em montagem de peças, sem o cuidado com a formação do indivíduo, na concepção “escolanovista” de ensino o foco passa a ser o desenvolvimento da criança e a livre expressão da sua imaginação criativa.

Japiassu (2009), afirma que é na segunda metade século XIX, que passa a haver uma literatura especificamente voltada ao estudo do binómio teatro-educação, pois os autores que anteriormente se haviam debruçado sobre o assunto o tinham feito de forma separada.

No século XX, vários escritores debruçaram-se sobre o binómio teatro-educação, dentre os quais Courtney (1980), destaca Cook, (1917), que defendeu que os jogos teatrais eram um caminho a seguir para a aprendizagem, seu método consistia na encenação espontânea do conteúdo dos livros didáticos das diversas disciplinas. Eis os princípios de ensino que o mesmo autor defendia:

- ✓ O aprendizado provém da experiência e não da escrita ou leitura;
- ✓ O bom trabalho resulta do livre interesse e da espontaneidade;
- ✓ O jogo é o meio natural de estudo para a juventude.

O autor era apologista de uma encenação livremente improvisada pelos alunos

em sala de aula sem quaisquer intervenções do professor e ausente de preocupações com convenções teatrais. Uma outra escritora destacada por Courtney é Winifred Ward, cuja obra reflecte os postulados da Escola Nova. A autora defende que o processo do trabalho com o teatro deve ser mais enfatizado que o seu produto final.

Hansted e Gohn (2013), destacam também Peter Slade (1912-2004), que defende a importância do jogo dramático no desenvolvimento infantil e reivindica um espaço próprio no currículo escolar, muito mais profundo que Cook (1917), que defendia a utilização do teatro como método de ensino, para Slade “o teatro deveria constituir (...) uma disciplina independente com seu próprio lugar no horário escolar”. (Courtney, 1980, p.46).

Proença, (1989: pág.46) enfatiza também que:

(...) a Escola Nova, fundamentada no princípio da actividade, confere uma particular importância às relações entre os alunos, que são mesmo oficializadas pela utilização de certas estratégias de ensino/aprendizagem (trabalho em grupo, discussão de casos e debates) ou pela realização de outras tarefas extracurriculares (serviço a favor da comunidade, de criação de certos grupos de alunos-rádio, fotografia, teatro (...)).

Na segunda metade do século XX, o jogo teatral é apresentado por Viola Spolin em forma de sistema metodológico. Segundo a teatróloga e atriz, “o sistema dos jogos teatrais caracteriza-se como uma abordagem da improvisação teatral cercada por regras precisas. Entre as quais se destacam: o acordo grupal; o foco; a instrução e a avaliação” (Spolin, 2000).

3. MÉTODO

Metodologia é o conjunto de procedimentos utilizados na investigação para o alcance dos objectivos previamente estabelecidos. Para Prodonov & Freitas (2013), metodologia é um nível aplicado que examina, descreve e avalia os métodos e técnicas utilizadas numa investigação. Desta feita, para a realização do presente artigo, e para o alcance dos objectivos estabelecidos, optou-se por uma pesquisa básica, quanto a sua natureza, e qualitativa, quanto a sua abordagem. Quanto ao tipo, a presente pesquisa é exploratória e processou-se através de métodos teóricos como: pesquisa bibliográfica, histórico-lógico e análise-síntese.

Do ponto de vista da sua tipificação, o presente artigo, pela forma como foi elaborado e pelos objectivos estabelecidos aquando da sua concepção é considerado como sendo de revisão bibliográfica.

4. ANÁLISE E RESULTADOS

Dos dados colectados nas diversas obras bibliográficas, é notória a unanimidade de agumentos que fundamentam a importância da utilização do teatro na Educação, porém, os procedimentos e as modalidades para a sua aplicabilidade diferem consideravelmente. Spolin (2000), defende o princípio segundo o qual todas as pessoas podem actuar no palco, já que todos podem improvisar. Porém, ao contrário do que defende Slade *apud* Hansted & Gohn (2013), com o seu jogo dramático em que a criança dramatiza livremente sem intervenção do professor, no jogo teatral proposto por Spolin há regras claras e os alunos devem estar sempre concentrados na busca de soluções para os problemas propostos pelo professor.

Uma outra diferença entre os jogos dramáticos de Slade e os jogos teatrais de Spolin está no facto de estes visarem a aquisição da linguagem cénica, dos princípios básicos da arte teatral, assim como a observância de certas regras e limites, contrariamente aos jogos dramáticos que estão centrados na livre expressão dos alunos sem colocar limites a sua imaginação.

De acordo com Japiassu e Courtney (2001), a utilização do teatro na escola pode ser vista em duas vertentes:

- ✓ **Vertente essencialista do teatro:** que ocorre quando a utilização do teatro na escola preserva toda a sua pureza estética, almeja-se a qualidade técnica do espetáculo e todos os seus componentes.
- ✓ **Vertente instrumentalista do teatro:** que ocorre quando o teatro é utilizado na escola como meio para atingir um fim diferente da actividade teatral, no caso, a aprendizagem de conteúdos extra-teatrais. Aqui, descarta-se, portanto, a preocupação com a qualidade técnica do espetáculo.

Sobre como deve ser utilizado o teatro na escola, Dominguez (1978), defende a realização de espetáculos teatrais na escola, assumindo que a produção de peças teatrais é uma das formas que o teatro na educação pode assumir. Apresenta também como principais objectivos da utilização do teatro como ferramenta de ensino a desenvolver: o censo crítico, o raciocínio lógico, a criatividade e o espírito de grupo.

E como forma de alcançar estes objectivos, o autor sugere que o professor desenvolva as suas actividades de modo que os alunos estejam sempre motivados,

produzindo efeitos positivos como a emancipação, a iniciativa na realização de actividades dentro e fora da escola. Que o professor delegue aos alunos a função de liderança dos grupos, cabendo ao professor mediar as tarefas e auxiliar os alunos na resolução de eventuais conflitos. O mesmo autor (1978: pág. 21) considera ainda o principal papel do professor visa “clarear, levantar e resolver as barreiras emocionais que o grupo encontra e que impedem que o trabalho se desenvolva de forma harmónica”.

Reverbel (1996), apesar de concordar com o autor supracitado, quanto aos objectivos da utilização do teatro como ferramenta de ensino, discorda com o mesmo quanto à forma em que se deve utilizar o teatro na escola, pois a autora defende que o teatro na escola não deve ser utilizado como forma de espectáculo, em que estudantes apresentam uma peça previamente ensaiada para o público, pois estes tipos de actividades geram uma certa expectativa por parte dos pais, professores e colegas, que acabam esperando um desempenho profissional e na escola não há actores, mas alunos desempenhando uma função lúdica proposta como actividade didáctica.

4.1 Modalidades teatrais que podem ser utilizadas nas aulas de História

Barros (2002), defende que antes que se parta para as dinâmicas teatrais, é necessário passar pelas dinâmicas de aquecimento e concentração, com vista a quebrar ou diminuir a resistência dos alunos, aumentar a integração entre os alunos e com o professor, gerar o autoconhecimento e eliminar a inibição. Eis as dinâmicas propostas pelo autor, com relativa adaptação:

- 1- **Gincana improvisada:** visa garantir participação de vários alunos através de dinâmicas de perguntas e respostas. O professor divide a turma em dois grupos, a seu critério, coloca-se no centro e chama dois voluntários um membro de cada grupo faz uma pergunta para os dois, quem souber a resposta levanta a mão e responde, e o grupo soma um ponto. A dinâmica segue e cabe ao professor garantir que todo grupo se sinta envolvido.
- 2- **Jogo de espelho:** O professor cria duas filas indianas, uma voltada para a outra cabendo a uma das filas o papel de espelho que terá de repetir todos os movimentos que os integrantes da outra fila fizerem, depois invertem-se os papéis, essa dinâmica para além de recreativa, estimula a criatividade e a

concentração, pois enquanto uns fazem caretas, os outros são obrigados a segurar o riso.

- 3- **Salve-se quem puder:** esta é das mais praticadas no nosso contexto educativo, o professor pede que os alunos circulem pela sala ou pátio, um minuto depois o professor ordena rapidamente que se formem em grupos de protecção com um número determinado, passado o tempo todos aqueles que não conseguiram formar os grupos de protecção de acordo com o número exigido, são retirados do grupo. Esta dinâmica permite que os alunos experimentem diversos sentimentos como vergonha, medo, angústia, mas também gera solidariedade, protecção e autoconfiança.

Apresentamos a seguir e segundo o mesmo autor, um conjunto de modalidades teatrais que podem ser utilizadas na Educação, com relativa adaptação.

- ✓ **Enquetes ensaiadas ou improvisadas:** são montagens de cenas curtas, envolvendo situações históricas, cenas quotidianas ou conflituantes construídas pelos alunos ou propostas pelo professor, permite a manifestação livre de ideias e a reflexão de temas diversos.
- ✓ **Troca de papéis:** é uma forma de teatralizar em que os alunos se colocam no lugar do professor ou de outro profissional, de outra etnia ou classe social diferente, e pede-se-lhes que se comportem de acordo com a etnia, profissão ou classe escolhida. Permite estimular nos alunos uma profunda reflexão, gerando percepções e manifestações diversas. Permite também aos alunos defender concepções de grupos dos quais eles não fazem parte, respeitar a diversidade e exercitar a empatia.
- ✓ **Emprestando a voz:** nessa dinâmica os alunos são chamados a emprestar as suas vozes às personagens históricas. Cada aluno escolhe uma personagem histórica e depois se direcciona aos colegas defendendo as ideias do personagem escolhido. Esta dinâmica gera satisfação, confiança e possibilita a simulação de momentos históricos e o confronto de ideias com a turma.

Teatro Imagem: é uma técnica que faz parte do teatro do oprimido proposto por Boal (1991), segundo o autor, essa modalidade teatral é composta por três etapas.

- a) 1ª Etapa: Criação de um grupo da imagem real, onde os alunos criam uma imagem que represente o seu entendimento sobre um determinado tema.

- b) Etapa: Imagem ideal, onde os alunos criam uma imagem que represente o seu entendimento sobre como aquela situação devia ser.
- c) Etapa: Imagem de trânsito, nesta fase os alunos criam uma imagem que demonstre como pode ocorrer a passagem da circunstância real para a ideal, essa fase está aliada ao que os alunos acham que deveria ter sido.

Cuidados a ter em conta na utilização do teatro como método de ensino

Apesar dos vários benefícios, já citados, da utilização do teatro, há que ter em conta que como todos os outros ferramentas activas, o teatro tem também as suas limitações, daí a necessidade de apresentarmos a seguir alguns conselhos que os autores e defensores desta ferramenta educativa. Reverbel (1996), lembra que esta ferramenta exige do professor uma atenção redobrada, pois, corre-se o risco de os alunos deterem-se apenas à apresentação e ao carácter lúdico do teatro, deixando de lado o verdadeiro objectivo dessa valiosa ferramenta no ensino.

É importante que ao utilizar o teatro na Educação se tenha em conta o que defende Cartaxo (2001: p.34) “(...) o mais importante não pode ser o produto final, mas o processo (...)”. Ou seja, deve-se considerar todo o processo desde a criação do texto, do roteiro, figurino, bem como da composição do cenário.

É necessária a atenção redobrada do professor, pois os alunos podem se deter apenas aos aspectos da apresentação em si, não se detendo ao fato histórico. O professor enquanto mediador deve apontar “erros e contradições”, ou seja, questionar e ficar atento a todo processo de elaboração da peça.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pôde perceber ao longo da pesquisa, as relações entre teatro e educação são discutidas e analisadas desde a Antiguidade, apesar de o contexto histórico de cada época ter influenciado as diferentes práticas pedagógicas e a diversidade da forma como foi pensado o teatro em contextos educativos.

Desde cedo, vários estudiosos aperceberam-se das potencialidades do Teatro na Educação das crianças, jovens e até adultos e como tal foi sendo utilizado para o efeito em todas as épocas, para determinados fins. Através da pesquisa efectuada, percebeu-se que o teatro pode contribuir significativamente para o desenvolvimento da Educação, nos mais variados níveis, demonstrando claramente o papel do homem na transformação das sociedades, o seu papel interventivo em vários factos e

fenómenos sociais, a responsabilidade que lhe cabe na busca de um mundo desenvolvido, onde os cidadãos possam beneficiar do bem-estar, da paz e do progresso.

Relativamente aos procedimentos e modalidades da aplicação do teatro na educação, foi possível, com base em bibliografias diversas, elencar um conjunto de modalidades teatrais que, bem elaboradas e sistematizadas, podem apresentar-se como alternativas seguras para os vários sistemas educativos. Foi também possível perceber as diferentes prespectivas defendidas pelos autores consultados, no que diz respeito aos modelos a seguir na sua aplicação no ensino, de modo a retirar dele o maior proveito, assim como utilizá-lo de modo eficiente.

Deve-se levar em consideração que a utilização do teatro como ferramenta pedagógica não é a solução para resolver todos os problemas no processo de ensino-aprendizagem. O seu uso é positivo, pois permite que os alunos rompam com a sua posição sempre passiva e receptiva de informações e se reconheçam enquanto sujeitos ativos e críticos. Além do facto de toda a metodologia que mobilize os alunos, tendem a ter bons rendimentos, pois criam condições mais favoráveis para que isto ocorra.

6. REFERÊNCIAS

- Barros, Márcio Rogério. Dinâmicas Teatrais no Ensino da História. Cuiabá- PROF-HISTÓRIA. 2022.
- BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1991
- CARTAXO, C. O ensino das artes cênicas na escola fundamental e média. João Pessoa: Editora da UFPB. 2001.
- CAVASSIN, J. Perspectivas para o teatro na educação como conhecimento e prática pedagógica. Revista Científica/FAP, Curitiba, v. 3, p. 39-52, jan./dez. 2008.
- COURTNEY, R. Jogo, Teatro & Pensamento: As Bases Intelectuais do Teatro na Educação. 2 ed. São Paulo: Editora Perspectiva. 2001.
- DEWEY, John. A escola e a sociedade e a criança e o currículo. Tradução Paulo Faria, Maria João Alvarez e Isabel Sá. Lisboa: Relógio D'água. 2002.

ISSN: 2595-5942

DOMINGUEZ, José António. Teatro e educação: uma pesquisa. Rio de Janeiro: Serviço Nacional do Teatro. 1978.

HANSTED, T. C. ; GOHN, M. G. Teatro e educação: uma relação historicamente construída. *EccoS – Rev. Cient.*, São Paulo, n. 30, p. 199-220, jan. 2013.

111

HAUER, Rafael Mauricio. Linguagem teatral e aquisição de conteúdos escolares: uma perspectiva cultural e histórica. Curitiba. . 2005.

JAPIASSU, R. Metodologia do ensino do Teatro. Campinas: Papiros. 2001.

MIRANDA J. L, ELIAS R.C, FARIA R. M, SILVA V.L, FELICIO W.A de S.. *Teatro e a escola: funções, importâncias e práticas*. Revista CEPPG, Minas Gerais, ano XI, nº 20, p. 172-181. 2009.

O' MALLEY, J. W. Os primeiros jesuítas. São Leopoldo: UNISINOS; Bauru: Edusc,. Peter, Slade. (1954). Child Drama. London University. London Press. 2004.

Prodonov, C.C. & Freitas, E.C. *Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Rio grande do sul – Brasil: Editora Feevale. 2013.

PROENÇA, Maria Cândida. Ensinar/Aprender História-questões de Didáctica Aplicada. Lisboa. Livros Horizonte. 1989.

REVERBEL, Olga. *O Teatro na Sala de Aula*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 1979. 1

REVERBEL, Olga. Um caminho do teatro na escola. Minas Gerais: Scipione. 1989. 2

SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro. Tradução Ingrid Dormien Koudela e Eduardo Amos. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.